

poéticas políticas

## Viveremos um amanhã

**We will live a tomorrow**

**Assis da Costa Oliveira**<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil; Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. E-mail [assisdco@gmail.com](mailto:assisdco@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3207-7400>.

Submetido em 10/06/2022

Aceito em 20/06/2022

### Como citar este trabalho

OLIVEIRA, Assis Costa da. Viveremos um amanhã. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2022, Brasília, p. 481-486.

**insurgência**

*InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais* | v. 8 | n. 2 | jul./dez. 2022 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.



## Viveremos um amanhã

O calendário marca 1º de janeiro. É domingo. Bebemos além da conta e a ressaca se avizinha. Sorrimos e nos abraçamos, é chegada a hora. Os noticiários já informam da proximidade da cerimônia. Está próxima.

Recordo o dia 28 de outubro de 2018. Eleições presidenciais em fase de apuração: Jair Bolsonaro (à época PSL, hoje PL) vs. Fernando Haddad (PT). Seguimos de casa para um bar a fim de acompanhar a reta final da apuração. A garganta já estava embargada, as perspectivas eram as piores. Chegamos no bar, amigos e amigas, abraços e sorrisos tímidos. 15 minutos se passaram, só pedimos água e suco, não havia clima para mais nada. O resultado parcial definitivo saiu. Nós perdemos, o Brasil perdeu. Lembro dos choros, dos abraços de conforto, das pessoas olhando para a televisão ou para o nada, sem rumo, sem saber o que pensar, sem saber o que fazer. Do lado de fora, um carro passou em alta velocidade com apoiadores de Bolsonaro gritando palavras de xingamento. Esta seria a nossa realidade, por quatro anos, uma longa noite tempestuosa de uma democracia recém reconstruída que cairia novamente nos braços do facismo e do negacionismo.

Foram anos difíceis, e a memória deles me veio à tona nestes momentos de alegria, de celebração. O dia está amanhecendo, é 1º de janeiro de 2023. Em nossos semblantes, um sorriso fácil e a sensação de que há muito por fazer, por reconstruir, como Estado, sociedade, como seres humanos e natureza. A batalha das eleições foi difícil, a batalha de governar o que sobrou deste país será ainda mais difícil, mesmo com o Congresso mais progressista da história, com dezenas de deputadas e deputados, senadoras e senadores com seus marcadores raciais, de gênero, sexualidade e classe não-hegemônicos.

Chegamos na hora do almoço deste dia histórico. No prato, arroz com feijão e frango, nada de carne, pois a inflação e os custos dos alimentos ainda castigam. Ao redor da mesa, as mesmas pessoas e outras vindas de toda parte do país. Querem estar juntas, querem vivenciar cada minuto deste momento de retomada da dignidade de ser gente no Brasil. Nas conversas, sempre alguém recorda da angústia e das tensões do dia das eleições, do enfrentamento à avalanche de fakenews e da resistência ao golpe contra a democracia e o voto eletrônico. São recordações regadas a cerveja e gargalhadas, porque, hoje, dia 1º de janeiro de 2023, não passam de atos extremistas que a história e a mesa de jantar voltarão a contar pelos próximos anos, talvez décadas, para que nunca mais se repita, para que nunca mais se eleja e pense em governar um país.

O horário se aproxima. Visto uma sunga vermelha, presente de final de ano de quem já sabia de minhas nobres intenções. A roupa tem verde e amarelo, mas a estrela é vermelha. Saímos de casa, seguimos para o Eixo Monumental, em

Brasília. No caminho, vemos bandeiras, cartazes e outras pessoas de verde, amarelo e vermelho.

Como besouros que emergem da terra, as pessoas voltam a se expor em suas posições políticas nas vestimentas, em público, sem medo de serem xingadas ou atacadas fisicamente por algum extremista que só sabe “convencer” com a força de seu punho ou do seu revólver. Recordo, então, o dia 1º de janeiro de 2019, e como ficou difícil, sobretudo arriscado, sair na rua com uma camisa com estrela vermelha, discutir política no bar, criticar o presidente nas redes sociais, sobretudo as da família. Uma onda de ódio à esquerda e às diversidades assumiu o discurso hegemônico e a governabilidade política, quando, então, pensar ou ser diferente se tornou a razão para anular a existência. Muitos amigos e amigas saíram do país, muitos outros e outras ficaram mesmo querendo partir, não se sabia bem o que viria, só se esperava pelo pior e mais nada, pelo pior do nada.

Chegamos ao local quase às 14h. Explanada dos Três Poderes, em Brasília. Um mar de pessoas está reunido ali. Ainda estamos em pandemia da Covid-19. Por isso o uso das máscaras e o distanciamento social é razoavelmente respeitado. A emoção e o desejo de celebrar a vitória e a mudança acabam relativizando, um pouco, a proteção sanitária, mas não a consciência deste coletivo de que ainda estamos em pandemia, e a memória de que a luta contra a pandemia foi, antes de tudo, a luta contra o negacionismo da pandemia, da ciência, das vacinas e das mortes. A luta foi contra um presidente e seu hálito diário de ódio à vida e à saúde, colocando a economia acima da proteção sanitária. Este sujeito agora é passado, a pandemia continua no presente, e continuará no futuro, um pouco mais.

14h40. O carro com o novo presidente se aproxima do Congresso Nacional. Deço então o gramado e chego no espelho d’água. Ali será meu camarote, ali dentro, junto com as dezenas de pessoas que acompanham a posse de sunga e biquíni. Faço uma foto com minha sunga vermelha dentro do espelho d’água do Congresso, nas redes sociais a foto viraliza. Recordo, então, 1º de janeiro de 2003, na sua primeira posse como presidente. Eu estava em casa, em Belém, ingressando no terceiro ano do ensino médio. Ainda estava em dúvida sobre que curso indicar para o vestibular, mas não tinha a menor dúvida do caráter histórico daquele dia e do voto dado àquela pessoa. Paz e amor era o seu lema. Na ebulição da juventude, eu até preferia mais amor e sexo, mas gostei mesmo foi de ver, pela televisão, dezenas de pessoas tomando banho no espelho d’água do Congresso Nacional e mais de 200 mil pessoas reunidas para acompanhar a posse.

Agora é um outro momento. Uma catarse ou uma vontade de soltar um grito preso no peito por mais de quatro anos. Deixo a água percorrer meu corpo enquanto o carro com o novo presidente passa na avenida ao lado do Congresso Nacional. São segundos preciosos em que olhamos a esperança novamente retornar para nosso povo, para nossos corações. As lágrimas escorrem, entre choros e sorrisos,

aplausos e gritos, sabemos, bem lá no fundo, que não será fácil; sabemos que o ódio e o facismo ainda estão presentes na sociedade, no parlamento e nas forças armadas; sabemos que as fakenews ainda vão nos atormentar todos os dias, buscando transformar a nossa esperança e os nossos discursos em uma “mamadeira de piroca” ou algo pior.

Porém, sabemos, também, que viveremos este amanhã. Unidos na resistência e na reconstrução do Estado Democrático de Direito no Brasil. Viveremos este momento em que a celebração pela conquista se transforma, rapidamente, no dever da mudança. O presidente já tomou posse, o dia 1º de janeiro se vai aos poucos. Amanhã, segunda-feira, começa o nosso desafio de construir um presente e um futuro melhor para milhões de brasileiros e brasileiras, com um prato de lula com chuchu e com muita utopia real.

## Sobre o autor

### **Assis da Costa Oliveira**

Doutor em Direito pela UnB. Mestre e graduado em Direito pela UFPA. Membro do Grupo Temático Direitos, Infâncias e Juventudes do Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais. Pesquisa temas relacionados à: violências contra crianças e jovens; infâncias e juventudes de povos e comunidades tradicionais; direitos e políticas públicas de crianças e jovens; controle social; adultocentrismo; colonialidade.

A imagem que ilustra esta crônica é uma intervenção sobre a clássica fotografia de Márcia Kalume, retratando populares em frente ao prédio do Congresso no dia da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em janeiro de 2003. A imagem original está distribuída sob uma licença [Creative Commons 2.0](https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/), e está disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifesta%C3%A7%C3%B5es\\_populares\\_na\\_posse\\_do\\_presidente\\_Luiz\\_In%C3%A1cio\\_Lula\\_da\\_Silva\\_%284976963431%29.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifesta%C3%A7%C3%B5es_populares_na_posse_do_presidente_Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva_%284976963431%29.jpg).